



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://econtents.bc.unicamp.br/omp/index.php/ebooks/catalog/book/139>

**DOI: 10.20396/ISBN9786587198040**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2020 by UNICAMP/IFCH. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

## UM PRIMEIRO DE MAIO NA PRAÇA DOS TRÊS PODERES

Pedro Henrique Santos Queiroz<sup>1</sup>

“Estou vivendo de hora em hora, com muito  
temor. Um dia me safarei – aos poucos me safarei,  
começarei um safari” 1.8.83.  
(Ana Cristina Cesar. 2013, p. 292).

Neste texto, reflito sobre um episódio recente: o protesto silencioso de profissionais de saúde na Praça dos Três Poderes, em Brasília, no dia primeiro de maio de 2020, e a interrupção desse ato pelo assédio de militantes governistas. Com o objetivo de elaborar intelectualmente o sentimento de angústia sobre o tempo presente, indago: como pensar o significado político desse primeiro de maio? Que ecos da história se fazem ouvir nesse evento? Que questões ele suscita sobre as ameaças que pesam atualmente sobre a democracia brasileira?

Pegando emprestados os versos de Ana Cristina Cesar citados na epígrafe, o que se segue pode ser lido como uma tentativa de traduzir a antevisão do desastre (o viver “de hora em hora, com muito temor”) em potência crítica e reflexiva (se safar, começar um safari...).

\*

Às 09:30 da manhã do dia primeiro de maio de 2020, um grupo de cerca de 60 profissionais de enfermagem (em sua maioria mulheres) se reuniu na Praça dos Três Poderes para um ato silencioso em homenagem a 55 colegas que faleceram no trabalho no combate à pandemia de coronavírus. Usando máscara protetora

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas.



e mantendo distanciamento entre si, os manifestantes seguravam cruzeiros de papel e vestiam jalecos brancos em cujas costas estavam colados os primeiros nomes de colegas profissionais de saúde vitimados pelo coronavírus (Cícero, Geovani, Valdirene...). À frente do protesto, dois manifestantes seguravam uma faixa com o texto “Enfermagem em luto pelos profissionais vítimas da COVID-19. #Fiqueemcasa” seguido da identidade visual do Sindicato dos Enfermeiros do Distrito Federal (SindEnfermeiro-DF). Pouco tempo depois do início do protesto, um pequeno grupo de militantes governistas se aproximou carregando uma faixa em que se lia “Apoio a Bolsonaro”.

Dois deles, um homem e uma mulher, avançaram em direção ao protesto de profissionais de saúde, que permaneceram imóveis e em silêncio. Os dois militantes bolsonaristas passaram então a ir de encontro aos manifestantes, forçando-os a contato físico direto, quase testa a testa, e a escutar palavras em defesa do presidente e contra os “esquerdistas”. O homem vestia uma camiseta amarela com os dizeres “Meu partido é o Brasil” (réplica da blusa usada por Jair Bolsonaro no ato de campanha em Juiz de Fora em que foi esfaqueado durante o primeiro turno das eleições presidenciais de 2018). A mulher vestia blusa verde-oliva, boné das forças armadas (“Brigada paraquedista”) e uma bandeira do Brasil amarrada ao pescoço à maneira de uma capa de super-herói; levava ainda à mão outra bandeira do Brasil que usava como uma espécie de cajado. Nenhum dos dois usava máscara ou qualquer tipo de acessório de proteção.

Em dado momento, o militante governista passou a gritar histericamente e a gesticular de forma ameaçadora contra uma enfermeira que tem aproximadamente a metade de seu tamanho porque essa supostamente teria lhe mostrado o dedo do meio (o que não foi capturado por nenhuma das filmagens do episódio disponíveis no *Youtube*). Outra enfermeira se aproxima e se coloca entre sua companheira de protesto e o homem que segue gritando - seu descontrole emocional agora beira o colapso nervoso -, mais gente vai se acercando, alguns toques e empurrões são trocados e, logo, a pequena confusão se dissipa graças à atuação providencial da “turma do deixa disso” de ambos os lados.

O ato foi registrado por diversos veículos de comunicação e é possível encontrar facilmente no *Youtube* vários registros audiovisuais tomados de diversas perspectivas por pessoas que, por diferentes motivos, estavam na Praça dos Três Poderes naquele momento, com destaque para uma transmissão de mais de 22 minutos feita por Scarlett Rocha para o site Esquerda Online, de modo que não faltará documentação para que historiadores e cronistas da vida política brasileira reconstruam esse episódio de forma exaustiva e aprofundada até as minúcias, se assim o desejarem. Apesar disso, ao assistir a essas cenas é difícil evitar uma sensação de irrealidade, como se tudo não passasse de uma peça de ficção mal arranjada, talvez uma comédia de costumes terceiro-mundista, uma história que, ao abusar de tantos clichês surrados do seu gênero, nos parece familiar e de final já conhecido, um texto interpretado sem convicção por atores que só estão ali pelo cachê. São vários os aspectos narrativos aí presentes que colaboram para essa impressão desagradável de estranhamento: a afetação dos gestos, a falta de sutileza e o exagero caricatural dos elementos mobilizados em cena, o caráter esquemático das situações e dos personagens, de um didatismo condescendente, que parece subestimar a inteligência dos espectadores.

\*

Segundo dados oficiais do Ministério da Saúde, no dia primeiro de maio foram notificados 442 óbitos por COVID-19, somando 6354 óbitos no acumulado até aquela data. Ontem (dia 19 de maio) foram notificados 1179 óbitos, totalizando 17971 vidas perdidas.

\*

A Praça dos Três Poderes é um dos locais mais importantes para a concepção de relação entre Estado e povo brasileiro que é afirmada com esperança e grandiloquência na retórica arquitetônica modernista de Brasília. Nas palavras de Lúcio Costa, autor do Plano Piloto da capital federal:

(...) me comove particularmente o partido adotado de localizar a sede dos três poderes fundamentais não no centro do núcleo urbano mas na sua extremidade, sobre um terraplano triangular como palma de mão que se abrisse além do braço estendido da esplanada onde se alinham os Ministérios, porque assim sobrelevados e tratados com dignidade e apuro arquitetônicos, em contraste com a natureza agreste circunvizinha, eles se oferecem simbolicamente ao povo: votai que o poder é vosso. A dignidade de intenção que lhe presidiu o traçado, e tão fundo tocou a André Malraux, é palpável, está ao alcance de todos. A Praça dos Três Poderes é o Versalhes do povo (Costa, 1995, p. 299).

Nesse cenário, cada gesto, cada palavra, cada passo tem seus possíveis significados amplificados e recobertos de solenidade pelo entorno, onde se localizam os edifícios sede dos três poderes e diversos marcos de celebração ritual dos valores cívicos fundamentais da identidade nacional. Os registros visuais do episódio de confrontação entre profissionais de saúde e militantes governistas no dia primeiro de maio garantem, assim, vários instantes emblemáticos, em cuja mise-en-scène não é difícil ler sinais do momento de agonia por que passa a democracia brasileira.

Alguns exemplos. Um dos frames do já mencionado registro do Esquerda Online mais reproduzidos nas redes sociais é aquele do momento em que a bandeira do Brasil empunhada pela militante governista dedicada a aporrinhar uma das manifestantes projeta sobre o piso da Praça dos Três Poderes uma sombra no formato da foice característica da representação estereotipada da morte na figura do “ceifador”<sup>2</sup>. A quantidade de signos aí entulhados (a cruz, a bandeira, a sombra da morte, a sombra da cinegrafista, o aparelho celular usado como escudo, as torres gêmeas do Congresso Nacional) fazem lembrar o cinema de Glauber Rocha, que buscou no cultivo de uma estética da aflição, do excessivo

---

<sup>2</sup> Sobre a cena, ver essa curiosa postagem de checagem de fatos em: <https://www.e-farsas.com/a-sombra-da-morte-apareceu-em-foto-de-manifestantes-contra-enfermeiras.html>. Que alguém tenha sentido a necessidade de atestar a veracidade dessa cena só reforça o argumento já exposto sobre o sentimento de irrealidade provocado no espectador.

e do contraditório, uma via privilegiada para pensar a realidade brasileira. Na montagem abaixo, é possível constatar como essa cena repete um padrão de composição de signos que pode ser encontrado na cena de Terra em Transe em que o personagem do líder populista de direita Porfírio Diaz (interpretado por Paulo Autran) discursa a uma plateia imaginária do alto da escadaria do palácio do governo de Eldorado. Nos dois quadros, estão dispostos horizontalmente em sequência: a) a cruz de Cristo; b) representações do poder estatal (as torres gêmeas do Congresso Nacional, o brasão qualquer esculpido no mármore); e c) bandeiras.



Figura 1: Colagem frames do registro em vídeo de Scarlett Rocha/Esquerda Online e de “Terra em Transe” e trecho de fala do personagem Paulo Martins.

Em outro momento, ao final do minuto 18 do registro do Esquerda Online, uma mulher usando uma máscara de porco e uma blusa amarela estampada com uma bandeira do Brasil seguida do nome “Bolsonaro” aparece no enquadramento fazendo o gesto de saudação romana apropriado por movimentos nazi-fascistas

de várias épocas (dentre os quais, os integralistas brasileiros). Ao fundo, é possível ver o edifício do Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, memorial cívico de homenagem aos heróis e heroínas nacionais.



Figura 2: Frame vídeo “Profissionais de saúde protestam no Palácio do Planalto e são atacados por bolsonaristas”

O que dizer dessa cena? Há algum ganho analítico ou interpretativo em acrescentar adjetivos à sua descrição? Há algum ganho político em elaborar o sentimento de repulsa que ela nos causa? É evidente que a personagem em questão sabe muito bem da obscenidade de seu ato - tanto que optou por cobrir o próprio rosto com uma máscara de porco - e, por isso mesmo (não apesar disso), fez o que fez: para *trollar*, engatilhar “esquerdistas”, para gerar lulz<sup>3</sup> etc. A solenidade política do local não é ignorada, mas convocada para fins

<sup>3</sup> Corruptela da sigla em inglês LOL (Laugh Out Loud - “Ri muito”, em tradução livre). Rob May e Matthew Feldman identificam no estilo retórico “só pelo lulz” (“in defence of mere lulz”) a característica distintiva dos grupos que compõem a assim chamada direita alternativa (Alt-Right). Trata-se de: “Uma forma de humor ofensivo praticado por ativistas online. Exemplificado pelos avatares de Pepe, o Sapo e por ‘piadas’ que tomam por alvo minorias étnicas e religiosas da Europa e América do Norte, o lulz proporciona

de profanação. Nisso, aliás, a militante governista apenas reproduz o modus operandi de ultrapassar os limites do socialmente aceitável e não ser punido por isso que levou Jair Bolsonaro da irrelevância no baixo clero parlamentar à condição de meme e daí à presidência da República.

\*

- Não foram os esquerdopatas... Os esquerdopatas, eles não construíram nada. Eles são gafanhotos. Esses sindicatos arrebentam com a nação... São cruéis, são desumanos!

- Vocês não têm vergonha? Vocês são covardes! Covardes! Covardes, que sangram o país!

(...)

- No dia em que os empresários dessa terra pararem de trabalhar, vocês não trabalham mais [bate com o mastro da bandeira do Brasil no chão pontuando cada palavra]...

- ...É o fruto de nosso suor que sustenta esses sindicatos bandidos...

- ... Você não entendeu que você é escravizado? [Baixando o tom da voz] Você não entendeu? Você vai entender agora... [Inaudível]

- ... Nós levantamos e construímos essa nação. E vocês não vão destruir essa nação. Esses sindicatos bandidos...

(...)

-Eu luto pelo meu país. Não sou comunista. Nós temos coragem de lutar, nós temos coragem porque no dia em que os empresários pararem, sabe o que acontece? Sabe o que acontece? Você não recebe mais o seu salariozinho.

Como se sabe, no primeiro de maio é celebrado, em várias partes do mundo, o dia do trabalho e do trabalhador. Neste ano, pela primeira vez desde

---

distanciamento irônico quando necessário. (...) Esse aspecto característico é descrito abertamente no Guia Normie [pessoa normal, que segue as convenções] da Direita Alternativa escrito por Andrew Anglin para a página neo-Nazista Daily Stormer, que rapidamente se tornou um dos mais populares websites de direita alternativa da atualidade: (...) ‘Lulz: o tom do site deve ser leve. A maioria das pessoas não se sente confortável com um material que lhe parece de ódio furioso, sulfúrico e não irônico. Os não doutrinados devem ser incapazes de dizer se estamos brincando ou não’” (May e Feldman, 2019, p. 26-27. Tradução livre).

2015, quando a presidenta Dilma Rousseff foi silenciada pelos batedores de panela que pediam a derrubada de seu governo, não houve pronunciamento em cadeia nacional do presidente da República por ocasião do primeiro de maio. A omissão talvez até poderia ser justificada pela absoluta precedência da agenda de combate à pandemia do novo coronavírus sobre outras pautas, o que não é obviamente o caso, afinal, apenas três dias antes, Bolsonaro comentou o atingimento da marca de cinco mil mortos pela pandemia com um desdenhoso “e daí?”. Ainda assim, é de se estranhar que a simbologia do primeiro de maio aparentemente tenha passado batida, ou pelo menos não tenha sido destacada explicitamente, mesmo nas notas de esclarecimento publicadas *post factum* pelo SindEnfermeiro-DF, nas quais são reafirmados os “três objetivos centrais” do ato realizado no dia primeiro, quais sejam: “defender o isolamento social com base científica, homenagear os trabalhadores da enfermagem de todo o Brasil que morreram lutando contra a Covid-19 e mostrar a importância da categoria”.

O mais difícil de entender, porém, é o ódio de classe sem filtros das falas dirigidas pelos militantes governistas aos profissionais de saúde que se manifestavam na Praça dos Três Poderes. Estamos aqui muito distantes da deferência (mesmo que fingida) ao trabalho e aos trabalhadores que compõe os vários lugares comuns dos discursos sobre o primeiro de maio. O discurso acima reproduz a ideia de que os trabalhadores nada são além de escravos, que no dia em que os empresários pararem de trabalhar não receberão mais seu salário, enquanto os sindicatos, gafanhotos e bandidos, sugam o suor dos que constroem a nação.

Para marcar a singularidade histórica do tipo de dominação burguesa de que o bolsonarismo é a expressão política, vale a pena contrastar essas falas com a de Juscelino Kubitschek, em seu discurso de 20 de abril de 1960, na Praça dos Três Poderes, dirigindo-se aos operários que construíram a capital:

Entre o Presidente da República, que vos fala, e vós, trabalhadores de várias categorias — técnicos, empreiteiros, fornecedores, mestres-de-

obras, operários e aprendizes, homens da iniciativa privada, que para cá vos transferistes e me ajudastes — nestes anos de labor incessante, pelos dias e pelas noites, se formou tal vínculo de amizade, se estreitou tal estima, se estabeleceu tal corrente de compreensão, que nos ligamos todos para o mesmo objetivo, que se nos faziam comuns os problemas de cada um. A irmanação de quantos aqui trabalharam lembra a construção das catedrais da Idade Média, quando artistas anônimos, mestres, aprendizes se animavam pela fé em Deus, em cuja honra se levantaram esses poemas arquitetônicos (Kubitschek, 2010, p. 41).

Seria, é claro, um erro grave tomar por seu valor de face essas palavras do “presidente bossa nova”. Afinal, são bem documentados os abusos trabalhistas, a exploração predatória e a irresponsabilidade social com que foram tratados os trabalhadores que levantaram Brasília (ver, por exemplo, Ribeiro, 2008). Por outro lado, também seria um equívoco considerar que as aparências simplesmente não importam. As questões que ficam são: por que os bolsonaristas se sentem desobrigados de prestar homenagem, mesmo que insincera ou meramente protocolar, aos valores convencionais de igualdade e fraternidade entre todos? Por que se sentem autorizados a afirmar de forma tão descompensada o que entendem ser seus privilégios (reais ou ilusórios) de status social ou poder econômico?

\*

Lançado no dia 06 de maio pelo Comitê Gestor de Crise do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), o Observatório da Enfermagem registra hoje (20 de maio) um total de 138 óbitos de profissionais de saúde infectados por Covid-19, sendo 111 confirmados e 27 casos suspeitos. A escassez de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) disponíveis, a falta de treinamento adequado e o não afastamento de trabalhadores do grupo de risco são apontados pelo Cofen como principais fatores de risco.

\*

Em depoimento à revista *Veja*, a enfermeira Ana Catarine Carneiro relata sua participação no protesto na Praça dos Três poderes e, indo direto ao ponto, levanta as questões que realmente importam para o momento em que vivemos:

Quando estávamos nos organizando, alguns colegas levantaram a dúvida: “E se nos confrontarem?”. Na hora, argumentei: “Vamos defender a vida; homenagear quem morreu lutando para salvar outras vidas. Quem seria contra uma coisa dessas?”.

(...)

A certa altura, um homem decidiu atacar uma colega que estava ao meu lado, filmando tudo com o seu celular. Não consegui mais ficar parada. Entrei na frente dela e me coloquei entre os dois. Esse foi o momento em que ele me empurrou. Até então, mesmo com toda a truculência, nenhum de nós havia reagido. A partir do momento em que o tal homem encostou em mim, não tínhamos mais como manter o plano. Outras pessoas se aproximaram para afastar os agressores, enquanto eles continuavam gritando. Quero destacar que aquele foi um movimento de força das mulheres. Eu defendi a minha colega e, logo na sequência, quando eu mesma virei o alvo, outras enfermeiras saíram em minha defesa.

(...)

Em casa, de volta, fui dominada por um sentimento de desilusão, de abandono. Como é possível lutar para cuidar das pessoas se parte da população nos agride? (Carneiro, 2020, sp, destaques meus).

É relativamente fácil dar uma primeira resposta mais superficial à pergunta “quem seria contra uma coisa dessas?” se atendo tão somente aos fatos já conhecidos sobre a identidade individual dos agressores envolvidos no episódio em questão. Isso porque os dois militantes governistas que se engajaram mais ativamente nas provocações às profissionais de saúde simplesmente não fizeram nenhum esforço para esconder suas identidades: em dado momento (16:04 no registro do Esquerda Online), o homem se apresentou aos gritos para quem quisesse ouvir, “Renan Sena, Brasília, patriota”; já a mulher – posteriormente identificada como Marluce Gomes, - fez questão de se certificar, ao arrematar

seu achincalhe a umas das enfermeiras que a filmava defensivamente, “gravou bem direitinho meu rosto? Bem direitinho, tá bom?”. Ambos estão sendo investigados pelo Ministério Público Federal (MPF) a pedido da Procuradoria Geral da República (PGR), que, por sua vez, foi provocada pelos conselhos regional e federal de enfermagem. Até agora, foi divulgado que Renan Sena era funcionário terceirizado do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MDH) até o dia 23 de abril, quando teria sido desligado.

É bem mais difícil, no entanto, dar uma resposta clara e direta sobre a identidade desse sujeito político incapaz de se solidarizar com (ou pelo menos não se opor agressivamente a) valores aparentemente tão senso comum como os de “defender a vida” e “homenagear quem lutou morrendo para salvar vidas”. A compreensão da incapacidade atualmente verificada na sociedade brasileira de formação de um consenso moral mínimo sobre demandas como essas não pode ser alcançada tão somente via explicação sociológica (seja como tentativa de enquadrar a racionalidade das ações observadas em referência a interesses objetivos, sistemas de valores ou visões de mundo diversos), mas, deve, provavelmente, remeter ainda à consideração de aspectos psíquicos (por exemplo, o conceito freudiano de pulsão de morte), estéticos, existenciais e filosóficos (exemplos, as temáticas nietzschiana do ressentimento e arendtiana do mal radical).

Seja como for, a condução dessa agenda de pesquisas não pode perder de vista sua motivação pragmática: embora o bolsonarismo seja um fenômeno em muitos aspectos fascinante para o pensamento acadêmico, que deverá passar ainda muitos anos entretido com esse quebra cabeça de montagem particularmente difícil, sua compreensão importa agora tão somente na medida em que se faz necessária para sua neutralização no espaço público. Em outras palavras, a intolerância do bolsonarismo militante deve ser interrogada pelas ciências humanas com a mesma seriedade e sentido de urgência com que o código genético do novo coronavírus vem sendo devassado pelas ciências da natureza, isto é, não com o propósito (intelectualmente nobre) de apreender

o modo singular de ser no mundo desses organismos, mas sim de combater a ameaça sem precedentes que representam para a saúde pública.

A questão a ser retida em foco é – para ficarmos com os termos de Ana Catarine Carneiro - a de como garantir que profissionais de saúde tenham condições de lutar para cuidar das pessoas sem que sejam agredidos por parte da sociedade. Em termos práticos, isso significa assumir como dada, pelo menos por enquanto, a existência de um abismo de incomunicabilidade com essa parte da sociedade que se radicalizou no apoio ao governo Bolsonaro. Parece vã qualquer tentativa de compreensão empática que tenha por objetivo encontrar algum denominador comum a partir do qual seria possível estabelecer o diálogo com essas pessoas.

Voltando ao depoimento de Ana Carneiro:

Antes de tudo, é preciso ressaltar que o nosso ato, em Brasília, não foi um protesto. Não estávamos contra nada. Além da homenagem em si e de darmos visibilidade à nossa categoria, queríamos mostrar à população que temos as nossas dificuldades, contudo estamos do lado dela (Idem).

De fato, não é possível sequer imaginar uma pauta de concordância menos problemática do que essa que foi proposta pela manifestação de profissionais de saúde na Praça dos Três Poderes (defesa da vida, expressão de luto pelos que morreram defendendo a vida) e, ainda mais, na forma como a defenderam (sem qualquer mensagem de oposição ao governo e sem alusões à simbologia trabalhista do dia primeiro de maio). Se mesmo esse cobertor de moderação e razoabilidade não foi suficiente para resguardar o protesto das profissionais de saúde contra a sanha de agressão da militância governista, o que mais seria?

## **Referências bibliográficas**

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**: Brasil. 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 20 maio 2020.

*Um primeiro de maio na Praça dos Três Poderes*

CARNEIRO, Ana Catarine. **'A doença é a inimiga, não nós', diz enfermeira agredida em Brasília:** Ana Catarine Carneiro, 31 anos, homenageava colegas mortos na pandemia. *Véja*. 2020. Depoimento dado a Jennifer Ann Thomas. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/a-doenca-e-a-inimiga-nao-nos-diz-enfermeira-agredida-em-brasilia/>. Acesso em: 20 maio 2020.

CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

COFEN – Conselho Federal de Enfermagem. *Observatório da Enfermagem*. Disponível em: <http://observatoriodaenfermagem.cofen.gov.br/>. Acesso em 20 de maio 2020

COSTA, FLÁVIO. Homem que atacou enfermeiras trabalha para o Ministério dos Direitos Humanos. *UOL*, 2020. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/05/servidor-terceirizado-de-ministerio-de-direitos-humanos-agrediu-enfermeiras.htm> Acesso em: 20 maio 2020.

COSTA, Lúcio. Saudação aos críticos de Arte. In: *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

KUBITSCHEK, Juscelino. *Discursos selecionados do Presidente Juscelino Kubitschek*. Organizadora Luíza Helena Nunes Pinto. Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão/Ministério das Relações Exteriores, 2010

LOPES, Gilmar. **A sombra da Morte apareceu em foto de manifestantes contra enfermeiras?** *E-Farsas*, 2020. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/a-sombra-da-morte-apareceu-em-foto-de-manifestantes-contras-enfermeiras.html>. Acesso em: 20 maio 2020.

MAY, Rob e FELDMAN, Matthew. Understanding the Alt-Right: Ideologues, 'Lulz' and Hiding in Plain Sight . In: Maik Fielitz, Nick Thurston (Org). *Post-Digital Cultures of the Far Right: Online Actions and Offline Consequences in Europe and the US*. Bielefeld, Transcript, 2019, p. 25-36.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *O Capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*. Brasília, Editora da Universidade Nacional de Brasília, 2008.

ROCHA, Scarlett. Profissionais da saúde protestam no Palácio do Planalto e são atacados por bolsonaristas. *Esquerda Online*, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KF-VLUMoh4C0>. Acesso em 20 maio 2020.

SIMÕES, Eduardo. **PGR pede ao MPF em Brasília que investigue agressão a enfermeiros por apoiador de Bolsonaro.** *UOL*, 2020 Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/05/05/pgr-pede-ao-mpf-em-brasilia-que-investigue-agressao-a-enfermeiras-por-apoiador-de-bolsonaro.htm>. Acesso em 20 maio 2020.

SindEnfermeiro-DF. Nota de esclarecimento sobre agressões a enfermeiras durante o ato em 1º de maio. *Sindenfermeiro*, 2020. Disponível em: <https://sindenfermeiro.com.br/index.php/2020/05/04/nota-de-esclarecimento-agressoes-a-enfermeiras-durante-ato-em-1o-de-maio/> Acesso em 20 maio 2020.